

Os sentidos atribuídos ao "cuidado" em uma mídia especializada de *Mixed Martial Arts**

The meanings attributed to the "care" by a specialized media in Mixed Martial Arts

Los significados atribuidos al "cuidado" por un medio de comunicación especializado en Artes Marciales Mixtas

*Juliana Aparecida de Oliveira Camilo***

Resumo

O objetivo da pesquisa foi entender os sentidos atribuídos a palavra cuidado na modalidade esportiva de combate chamada de Mixed Martial Arts (MMA). Para isso elegemos uma revista especializada de lutas no Brasil, a Tatame na sua versão digital, no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2013. Tem-se aqui um olhar da Psicologia Social de cunho construcionista. Após leituras sucessivas nas reportagens agrupamos os repertórios associados ao cuidado em quatro categorias: "autocuidado", "cuidado com o outro", "cuidado como ameaça" e "cuidado com o evento". Na análise quantitativa predominou o uso do "autocuidado" (57,80%), seguido do "cuidado com o outro" (31,19%), "cuidado como ameaça" (6,42%) e "cuidado com o evento" (2,75%). A análise qualitativa das narrativas sugeriu que o "autocuidado" e o "cuidado com o outro" estavam vinculados predominantemente à equação ganhar e perder, desconsiderando o atleta como uma pessoa para além da prática esportiva.

Palavras-chave: *Práticas Discursivas; Cuidado; Construcionismo Social; Artes Marciais; Psicologia Social do Esporte.*

* Artigo elaborado a partir de disciplina cursada na PUCSP durante o Doutorado em Psicologia Social.

** Psicóloga. Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP nos cursos de Administração e Psicologia. E-mail: jacamilo@pucsp.br

Abstract

The objective of the research is to understand, from a Constructivist Social Psychology perspective, the meanings attributed to the word “care” in Mixed Martial Arts (MMA). In order to do that, a specialized magazine in Brazilian combat, Tatame (digital version), was chosen, and editions from January 2011 to December 2013 were considered. After successive reading of the reports and articles, the repertoires associated with care were grouped into four categories: “self-care”, “care of another”, “care as a threat” and “beware of the event.” In the quantitative analysis predominated the use of “self-care” (57.80%), followed by “care for the other” (31.19%), “care as a threat” (6.42%) and “Careful with the event” (2.75%). Qualitative analysis of the narratives suggested that the “self-care” and “care of the other” were linked predominantly to the win or lose equation, disregarding the athlete as a person.

Keywords: Discursive practices; Care; Social Constructionism; Martial Arts; Social Sport Psychology.

Resumen

Esta investigación abordó a través de la Psicología Social construccionista las nociones de cuidado que circulan en la modalidad deportiva denominada Artes Marciales Mixtas (MMA). Como fuente de información fue utilizada una revista brasileña especializada en luchas, “a Tatame”, en su versión digital, de enero de 2011 a diciembre de 2013. Después de sucesivas lecturas se agruparon los repertorios asociados con el cuidado en cuatro categorías: “autocuidado”, “cuidado con el otro”, “cuidado como una amenaza” y “cuidado con el evento”. En las análisis cuantitativas el uso predominante fue el “autocuidado” (57,80%), seguido de “cuidado con el otro” (31,19%), “cuidado como una amenaza” (6,42%) y “cuidado con el evento” (2,75%). La análisis cualitativas de las narrativas sugirió que el “autocuidado” y el “cuidado con el otro” se deben sobre todo a la ecuación de ganar y perder, sin tener en cuenta al atleta como persona más allá del deporte.

Palabras-clave: Prácticas Discursivas; Cuidado; Construccionismo Social; Artes Marciales; Psicología Social del Deporte.

INTRODUÇÃO

O *Mixed Martial Arts* (MMA), termo que se origina do antigo “Vale-Tudo”, é um esporte caracterizado pelo emprego de técnicas corporais oriundas de diversas artes marciais e/ou esportes de combate, tais como o jiu-jitsu, o boxe, o kickboxer, o muai thay, a luta greco-romana, o kung fu, karatê, entre outros.

Os atletas de MMA carregam consigo vários estereótipos, dentre eles o corpo forte, marcado por inúmeras cicatrizes, nariz quebrado e o rosto muitas vezes pouco amigável. Tudo isso faz parte de ser “casca-grossa”, expressão correntemente usada pela mídia para distinguir entre os que estão mais próximos de obter sucesso e os que fracassarão no esporte. O termo também remete ao ideal viril do universo masculino, onde o homem é posicionado como um ser potente, corajoso e arrojado.

Não há estimativas confiáveis que apontem o número de praticantes no Brasil, porém, de acordo com a consultoria Deloitte em pesquisa de opinião sobre as tendências esportivas no país, efetuada em decorrência da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016) no Brasil, as artes marciais foram consideradas como o segundo esporte que mais irá crescer neste período (Deloitte, 2011). Já a Revista ISTOÉ aponta que o principal evento de MMA no cenário mundial, o *Ultimate Fighting Championship* (UFC), valia, em 2012, U\$1 bilhão de dólares; possuía 354 milhões de televisores, em 147 países, sintonizados nas lutas, com mais de 100 mil assinantes do canal Combate, no Brasil (Istoé, 2012).

Com o crescente interesse do público, os atletas tentam se diferenciar e buscar maior apelo aos patrocinadores atuando, sobretudo, em competições que sejam televisionadas. Para isso, buscam demonstrar atuações cada vez mais intensas, teatrais e com vitórias consideradas inquestionáveis aos olhos do público. As lutas têm se tornado cada vez mais intensas. Os eventos cada vez mais tecnológicos, onde o atleta assume a posição de um “mais-que-humano”, super-herói ou personagem de vídeo game. Contudo, para além do *glamour* dos espetáculos-luta, só no ano de 2013, foi documentada a morte de dois lutadores supostamente em decorrência desta prática.

Para Verardi, Miyazaki, Nagamine, Lobo e Domingos (2012) o esporte profissional está vinculado a uma permanente busca pela excelência física, técnica, tática e psicológica e, ao mesmo tempo, a preocupação em evitar ou manejar problemas que possam retardar ou interromper a vida profissional do atleta. Igualmente, a preocupação deste lutador, veiculada em sua página no *Facebook*, não rompe com a lógica da produtividade competitiva. Tal como apontou Verardi et al. (2012), o esporte está a serviço de diferentes

excelências e os manejos possíveis para a sua obtenção, sobra aí pouco espaço para o humano: perder, angustiar-se, chorar, admitir a dor, entre outros.

O ideal difundido amplamente pela família Gracie no jiu-jitsu, na difusão de sua arte marcial e na sua contribuição para o desenvolvimento do MMA, emblematiza e reforça o lutador como uma pessoa que deve lutar até às últimas consequências. Na concepção dos Gracie, ao se utilizar adequadamente as técnicas do jiu-jitsu, o mais fraco pode vencer o mais forte, desde que no combate não haja regras ou tempo estipulado, representando assim o mais próximo possível de uma briga real, sem tempo e sem regras. A técnica deve ser exaltada e *não o lutador*, que é visto apenas um soldado (Awi, 2012). Nessa lógica o bom lutador deve ser aquele que consegue superar as adversidades sem lamentos, aguentar a dor, a pressão psicológica e orgulhar-se dos ferimentos e traumas obtidos.

As lesões no MMA são frequentes. Para Kochhar, Back e Mann (2005) existe um risco significativo de lesões cervicais, sendo que não há normas de segurança que aborde tais preocupações. Bernick et al. (2013) discutem os riscos dos traumas repetitivos na cabeça, para o desenvolvimento da doença de Alzheimer, além de outros comprometimentos das funções cognitivas. Bledsoe, Hsu, Grabowski, Brill e Li (2006) analisaram 171 eventos de luta envolvendo 220 diferentes lutadores de MMA, entre setembro de 2001 e dezembro de 2004, no estado de Nevada (EUA). Neste estudo constatou-se o total de 96 lesões em 78 lutadores. Dos 171 eventos de luta, 69 (40,3%) terminaram com ao menos um lutador ferido. A lesão facial foi a mais comum, (47,9%), seguido por mão (13,5%), nariz (10,4%) e oculares (8,3%).

Esses dados suscitaram importantes perguntas: em um cenário onde os ideais predominantes estão atrelados predominantemente ao sucesso, vitória, fama, força e destreza, sobram espaços para se pensar em cuidado? Se sim, qual é o tipo de cuidado que está sendo difundido entre os atletas?

O Dicionário Houaiss (2001), aponta que, etimologicamente, o cuidado possui a mesma raiz de pensamento, originando-se do vocábulo latino *cogitare*. Seu uso como adjetivo significa: pensado, meditado, refletido, suposto. Como substantivo masculino, se vinculada ao desvelo, solicitude, diligência, vigilância ou precaução. O dicionário de Filosofia

de Abbagnano (2000) aponta que esta palavra é originária do latim, mas diferentemente do Dicionário Houaiss, propõe que está relacionada com o original *cura*.

As palavras são polissêmicas e podem cumprir funções múltiplas e possuir variados endereçamentos. Conceber o cuidado como algo natural, inerente às relações humanas, e que possui apenas um significado é reduzir sua complexidade, seus efeitos e endereçamentos. Assim, os sentidos de cuidado só podem ser entendido em um contexto, no caso do MMA, permeado por lutadores, comissão técnica, patrocinadores e tudo o que pode se atrelar a ele.

Partimos da premissa que o sentido atribuído ao cuidado é tensionado, significado e resignificado em diferentes contextos e tempos históricos. Afiliando-nos com ao construcionista social atribuímos destaque especial à linguagem em ação (práticas discursivas), por ser essa a maneira como as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas (Spink & Medrado, 1999). Ao tomar as práticas discursivas como linguagens em ação, somos direcionados para as consequências da fala e, dessa forma, quando se colocam em pauta os termos discurso ou práticas discursivas pretende-se contextualizá-los sob a perspectiva de uma ação endereçada a algo ou alguém, dotada de historicidade e cultura.

No construcionismo social a produção de sentidos no cotidiano decorre do uso que fazemos, em nossas práticas discursivas, dos repertórios interpretativos que dispomos (Spink & Medrado, 1999). Entendemos que repertórios interpretativos são os conjuntos de termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem que se agrupam em metáforas ou imagens, utilizando construções e estilos gramaticais próprios (Potter & Reicher, 1987). Repertórios interpretativos são as unidades de construção dos discursos que apontam as possibilidades das construções discursivas.

Ao optarmos por utilizar a mídia como objeto desta pesquisa, destacamos o seu importante papel de fazer circular repertórios interpretativos associados aos conceitos de cuidado. Assim, perguntamos: que repertórios interpretativos circularam nesta mídia especializada?

O avanço tecnológico gerou impactos significativos no modo de comunicação e relacionamento entre leitores e autores. Na internet há

uma avalanche de *blogs*, páginas empresariais em redes sociais ou páginas próprias, alimentadas por diferentes segmentos empresariais (sendo ou não de comunicação).

A leitura rápida, focada em palavras-chave, imagens ou relatos de pessoas consideradas importantes no assunto, conquistou mais adeptos ao longo dos anos. Constatando esta realidade, em 2014 o Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE) entrevistou 20 mil pessoas nas regiões metropolitanas de Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, chegando à conclusão de que 47% dos entrevistados tinham a internet como o seu veículo preferencial de acesso a notícias, 2% acima dos 45% referente ao percentual mundial (IBOPE, 2014).

Em 2014 uma pesquisa inédita dos hábitos de consumo de mídia por parte dos brasileiros, com amostras representativas dos 26 estados e do Distrito Federal, foi divulgada pela Secretaria da Comunicação Social. No relatório consta o primeiro levantamento nacional sobre o uso dos meios de comunicação pelos brasileiros. O resultado mostrou que 47% dos entrevistados declararam o hábito de acessar a internet. O meio de comunicação preferido foi a TV (76,4%), seguido pela internet (13,1%), rádio (7,9%), jornais impressos (1,5%) e revistas (0,3%). Outras respostas somaram 0,8% (BRASIL, 2014). Mediante o espaço conquistado pelos sites de notícia em comparação com outras mídias, decidiu-se investigar a problemática posta neste estudo em uma página de notícia que tivesse o MMA como foco.

Para Spink (2012, p. 47) as revistas existem desde o século 17 e possuem um endereçamento mais claro que os jornais, já que são direcionadas a “públicos definidos pela segmentação em gênero, idade e/ou interesses específicos: carros, moda, cozinha, jardins, esportes, etc”. Com isso, para que uma revista consiga se sustentar no mundo de consumo, há que conhecer seu leitor (interesses, desejos, receios, angústias, etc.).

Os meios de comunicação de massa utilizam-se do discurso para fundamentar suas opiniões, pretensões e normas de uma determinada mensagem (Habermas, 2003). Neste sentido o discurso busca o convencimento do leitor, muitas vezes fazendo uso de instrumentos de manipulação da mensagem para esconder suas intenções principais.

Nesta direção Spink (2012) aponta que parece existir um jogo de afeto e identificações entre os leitores e a revista. Espaços para trocas, discussões, reflexões, críticas, erros, entre outros, criam um clima intimista virtual, onde o anunciante procura se inserir para vender seus produtos de modo compatível com os ideais difundidos na revista.

A Tatame é uma revista brasileira especializada em artes marciais, publicada pela editora Nova Tríade do Brasil, com sede no Rio de Janeiro e distribuída para todo o Brasil. Além da revista impressa, conta também com um *site* (<http://www.tatame.com.br>) e redes sociais (Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, Google Play e aplicativos para Apple) atualizados diariamente. Teve sua primeira edição em novembro de 1994 e, em julho de 2014, estava na sua 221ª edição. Essa revista na sua modalidade digital une internautas, escritores, gestores e anunciantes, atletas de lutas, profissionais de apoio, simpatizantes e críticos. Nas notícias é possível “curtir” (expressão utilizada pelo Facebook) e deixar comentários sem passar por um filtro ou moderação, desde que haja uma identificação do usuário (é possível utilizar uma conta do Facebook, Yahoo, Aol ou Hotmail).

MÉTODO

O objetivo da pesquisa foi entender os sentidos de cuidado que circularam em uma revista especializada de lutas no Brasil, a Tatame na sua versão digital, no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2013.

Para realizar a busca das informações digitamos a palavra cuidado no ícone buscar no site da Revista Tatame (www.tatame.com.br) e excluímos as publicações que não se vinculavam ao MMA, como reportagens sobre outras artes marciais. Obtivemos 109 matérias (*posts*) para análise, que correspondiam a entrevistas, notícias e notas curtas. Os *posts* localizados foram submetidos primeiramente à análise qualitativa por meio de leitura minuciosa em cada matéria, buscando compreender os repertórios interpretativos associados ao uso da palavra cuidado. Para isso, agrupamos em uma planilha digital as 109 reportagens para que fosse possível visualizá-las em um contexto geral e individual. Feito isso, criamos categorias para agrupar os repertórios interpretativos, com seus modos de falar sobre o cuidado,

que emergiram nos *posts* analisados, a saber: “autocuidado” (relacionado ao cuidado de si), “cuidado com o outro” (referente à preocupação em não lesionar, maltratar, ignorar ou até mesmo se antecipar a algum evento que pudesse expor alguém), “cuidado como ameaça” (vinculado à rivalidade, agressividade e desafio) e “cuidado com o evento” (logística para a luta, local e lutadores para o combate). Como último procedimento foi feita a análise quantitativa dessas categorias buscando entender a frequência desses repertórios interpretativos, ao longo do período estudado.

RESULTADOS

Para entendermos a circulação do cuidado nas 109 reportagens analisadas fez-se importante considerar a frequência do seu uso, como apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Tipos de cuidado e sua frequência

| Tipo de cuidado | 2011 | 2012 | 2013 | n | % |
|-----------------------------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|
| Autocuidado | 13 | 27 | 23 | 63 | 57,80% |
| Cuidado com o outro | 12 | 10 | 12 | 34 | 31,19% |
| Cuidado como ameaça | 2 | 5 | | 7 | 6,42% |
| Cuidado com o evento | 1 | 2 | | | 2,75% |
| Cuidado como ameaça e autocuidado | - | 1 | - | 1 | 0,92% |
| Autocuidado e cuidado com o outro | - | - | 1 | 1 | 0,92% |
| Total Geral | 28 | 45 | 36 | 109 | 100% |

A Tabela 1 aponta a predominância do “autocuidado” (57,80%). Considerando o MMA como um esporte que envolve um número significativo de lesões, que pode limitar o atleta por meses e comprometer seu rendimento por anos, tornou-se compreensível o uso desse repertório de cuidado, relacionado como a atenção a si próprio.

O segundo uso mais frequente foi o “cuidado com o outro” (31,19%), o que chama a atenção já que em torno desse esporte há um significativo estereótipo, difundido por mídias não especializadas e por leigos em geral, sobre a suposta maldade dos lutadores com seus companheiros.

Do mesmo modo o “cuidado como ameaça” (6,42%), também pareceu derrubar o estereótipo do *Bad Boy*. O sentido de “atenção vou bater em você” ou “se prepare vou roubar seu título” teve uma diferença de 24,77% do segundo sentido mais frequente (“cuidado com o outro”) e, de 51,38% para o primeiro mais frequente (“autocuidado”). O cuidado também foi vinculado ao “cuidado com o evento” em 2,75% das vezes, ilustrando a preocupação com os detalhes que envolviam a realização de um evento esportivo. Em duas reportagens a palavra cuidado foi apresentada por duas vezes, com dois sentidos diferentes: “cuidado como ameaça” e “autocuidado” (0,92%) e “autocuidado” e “cuidado com o outro” (0,92%).

A Figura 1 apresenta os tipos de cuidado que circularam entre os anos do período analisado.

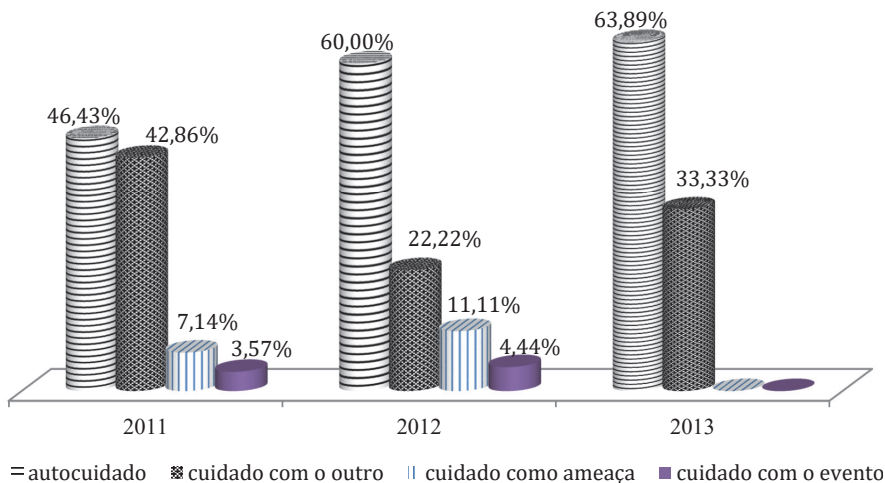


Figura 1 – Distribuição entre os anos dos tipos de cuidado que circularam na Revista Tatame Digital

O “autocuidado” mostrou-se como o cuidado mais frequente ao longo do período analisado, tendo uma aproximação apenas em 2011 com o “cuidado com o outro” (diferença de 3,57%). Já o “cuidado com o outro” apresentou no ano de 2011, o percentual de 42,86%, o que representou uma diferença de 20,64% se compararmos com o ano de 2012 (22,22%). No ano de 2013 o “cuidado com o outro” aumentou sua frequência para 33,33%, mas

ainda manteve a diferença de 9,53% se comparado com 2011. O “cuidado como ameaça” em 2012 (11,11%), apresentou um crescimento de 3,97% se comparado o ano de 2011 (7,14%). Em 2013 não houve nenhuma reportagem que se vinculasse ao “cuidado como ameaça”. Por fim, o “cuidado com o evento”, em 2011, apresentou a taxa de 3,57%, crescendo para 4,44% em 2012 (diferença de 0,87% entre os anos) e igualmente ao “cuidado como ameaça” não teve nenhuma matéria em 2013.

Após esta primeira aproximação quantitativa, realizamos uma análise qualitativa buscando entender as filigranas do uso dessas diferentes modalidades de cuidado. O “autocuidado”, que foi o sentido mais frequente (N=63), trouxe consigo duas principais tensões, de um lado o temor com as lesões e a saúde de um modo geral e de outro, o temor da derrota. Assim, cuidar de si é manter a saúde com o menor prejuízo possível (e preferencialmente intacta).

Se em alguns momentos a cisão no “autocuidado” é perceptível, na maioria das vezes os limites entre uma e outra são tênues e difíceis de serem estabelecidos. O argumento de evitar lesão parece refletir o medo da derrota, assim como, às vezes, o receio da derrota parece esconder a probabilidade de se machucar.

Um momento significativo em 2011 foi a transmissão ao vivo em TV aberta, pela TV Globo, do UFC Rio, o que ajudou a acelerar a popularização do esporte no país. Já em 2012 uma marca importante foi o debate na Comissão do Ministério do Esporte sobre as apostas ilegais, bem como os inúmeros casos de doping no MMA.

No ano de 2012 o pico do “autocuidado” (N=27, pareceu refletir a progressiva profissionalização do esporte, bem como os investimentos de diversas empresas que passaram a ser maiores desde então. Os atletas começaram a ganhar *status* de ídolos e, as falhas nas lutas ou lesões, podem não só incapacitá-lo para algum evento importante, como também levar consigo tempo e dinheiro dos investidores.

Em uma das reportagens que integram esta pesquisa o “autocuidado” foi atrelado ao embelezamento e à divulgação do corpo como algo sedutor. De acordo com Sayão (2002 a Educação Física e o esporte pertencem a um mundo reconhecidamente masculino, onde a virilidade, agilidade e força

são associadas às habilidades tipicamente masculinas. Associando esta visão a um esporte onde esses repertórios são ainda mais evidentes, a questão elaborada pela repórter ilustra o patamar desigual com os atletas homens. A transformação do “autocuidado” em cuidado da beleza, para popularizar o MMA feminino, desloca o “cuidado para si” para um “autocuidado para o outro”, seja este outro o patrocinador, o promotor da luta ou o público em geral. Emerge assim uma contradição para as lutadoras: como manter-se com beleza em um esporte de combate intenso como o MMA, onde os cortes do rosto, hematomas e ferimentos são constantes e dificilmente evitados? Interessante ainda notar que estas mesmas marcas são valorizadas e sinal de prestígio para os lutadores (homens).

Outro aspecto, embora pouco frequente (N=2), está relacionado ao “autocuidado” com o uso de substâncias ilegais, que caracterizam o doping.

Uma vez que você começa esse processo, quando começa a colocar hormônios sintéticos dentro de você, você para de produzir os seus próprios hormônios, então é algo permanente. Preciso pensar com muito cuidado, explica.

Título da reportagem: Rival de Wanderlei pensa em usar testosterona. (Tatame, 2012a)

Na busca incessante pela vitória, lutadores e a equipe multiprofissional os que acompanham, acabam recorrendo a procedimentos diversos para aumentar as chances de êxito no combate. Mesmo considerando que a ingestão de substâncias pouco conhecidas possa culminar em doping e não ofereça garantias acerca da vitória, o que parece estar em questão é a sensação de estar em vantagem ou lutando nas mesmas condições que o oponente. O efeito na saúde a médio e longo prazo cedem espaço para o êxito no curto espaço. O cuidar é atrelado a ganhar, ainda que seja necessário o descuido com os efeitos nocivos à saúde ou com a imagem profissional.

É válido dizer que no momento da publicação da primeira reportagem, por nós analisadas, que fala de um atleta vinculado ao UFC, o uso da Terapia de Reposição de Testosterona (TRT) era permitido aos que comprovassem junto a um médico especializado esta necessidade, não atingissem determinado nível do hormônio e não tivessem histórico de doping

envolvendo outras substâncias. A TRT foi banida pela Comissão Atlética de Nevada (NSAC), que é o órgão de controle de antidoping no UFC, no dia 27/02/2014, anos depois da reportagem aqui citada.

Passando a analisar o “cuidado com o outro”, o segundo sentido mais frequente (N=34) nas reportagens que integram o corpus desta pesquisa, o que se veiculou predominantemente no discurso foi o cuidar de alguém para evitar a derrota. Trata-se de cuidado que estava a serviço do desempenho na luta e não com o atleta em si, como pode sugerir esta categoria de análise. A lógica, nestas narrativas, sugeriu um sentido individualizante de quem cuida do outro, já que se o atleta fosse vencedor no combate, o emissor destas falas supostamente teria ganhos: o profissional de saúde que cuidou adequadamente de seu paciente e ganhou mais clientela; o treinador que “cuidou tão bem” de seu atleta que o mesmo se tornou vencedor; o comentarista esportivo que recomendou que o atleta tomasse cuidado com determinado golpe e se destaca por “prever” o desenrolar do combate, entre outros.

Em 17 casos as falas se vincularam a conselhos para alguém evitar a derrota, sendo que, em 11 reportagens, o cuidado apareceu como “tomar cuidado”. É interessante notar como o trabalho da psicologia também se apresentou a serviço da equação ganhar e perder, parecendo ter pouco espaço para a preocupação com a pessoa por trás do atleta.

Marujo já trabalhou com atletas da X-Gym a pedido de Rogério Camões e, desde 2008, esporadicamente, atua em conjunto com a academia. Em entrevista à TATAME, ele afirma que a psicologia no âmbito das lutas está em ascensão e defende que o lado emocional merece tanto cuidado quanto outros aspectos.

Título da reportagem: Psicólogo que já trabalhou com Anderson decifra mente do campeão. (Barone, 2013).

Partindo do pressuposto que linguagem é ação e produz efeitos, o título da reportagem com a expressão “decifra a mente”, segue uma psicologia capaz de desvendar segredos e traz embutido o ideal de uma verdade sobre alguém. O saber está na psicologia e no psicólogo encarando “a mente” como algo estático, imutável e passível de interpretações únicas. Esta apresentação auxilia na construção de regimes de verdades, onde há

a naturalização e essencialização de mentes, cristalizando a diversidade dos humanos envolvidos nesta prática interpretativa. O cuidado vinculado a ela também obedece à lógica de se evitar a derrota.

Em 4 casos o “cuidado com o outro” foi apresentado por profissionais de saúde, fisioterapeuta (N=3 e médico (N=1), que se preocupavam com a recuperação do atleta, seja para retornar ao evento esportivo, seja para reduzir os impactos do combate ou treinamento.

O “cuidado com o outro”, posto por estes profissionais de saúde, não apontava para o atendimento do paciente-que-é-uma-pessoa, mas sim para o cliente-que-é-um-atleta. Ao evidenciar a pessoa como atleta e não como alguém com inúmeros papéis sociais, o “cuidado com o outro” é deslocado novamente para o desempenho.

É válido dizer que em 1 caso (N=1) o “cuidado com o outro” pareceu olhar o atleta para além do campo competitivo:

Temos falado bastante sobre isso. Ele (Anderson) me disse que gostaria de entrar para a força policial quando parar com a carreira profissional. É algo que tem de ser pensado com cuidado. Ele me disse que pretende fazer mais algumas lutas que tem em contrato. Fiquei surpreso em saber que seriam mais de cinco.

Título da reportagem: Seagal vai ensinar “golpe surpresa” a Spider. (Tatame, 2012b)

Esta fala do ator Steven Seagal, que era amigo do lutador Anderson Silva, foi a única reportagem onde se pôde notar certa dose de cuidado circulando como “preocupação com o outro”, para além da equação ganhar e perder. Há uma preocupação com a decisão de se tornar policial, assim como a decisão de fazer ainda mais cinco lutas.

Quando o cuidado circulou como “ameaça” houve três sentidos a ele vinculados. No primeiro há a repetição de uma entrevista onde o árbitro ameaça o lutador caso o mesmo não obedecesse à regra do combate (não dar soco na nuca do adversário). O segundo caso é de uma reportagem bem-humorada de um lutador, que havia sido campeão do peso meio-pesado do UFC (Jon Jones), quando desfilou em 2012 no Fashion Rio. Já em outros 4 casos havia uma clara associação com a ameaça sobre o adversário.

O cuidado foi também veiculado como “cuidado com o evento”, onde em 3 casos, o sentido posto foi o de administrar os aspectos vinculados ao espetáculo em si, com a infraestrutura e escolha de lutadores.

Com a necessidade de atingir novos públicos, simpatizantes e investidores, as ligas nacionais e internacionais buscam fomentar o MMA como um esporte, nem mais nem menos violento que outros. Assim, a infraestrutura torna-se fundamental para que seja possível obter mais espaço nas mídias, ganhar novos públicos e patrocinadores.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das reportagens da Revista Tatame foi realizada com base nas práticas discursivas, com foco na localização do trânsito dos repertórios interpretativos, concebendo a linguagem como uma prática social que produz efeitos. Assim, buscamos entender como uma mídia especializada no MMA retratou o cuidado entre os anos de 2011 a 2013, posicionando pessoas, construindo verdades, naturalizando e essencializando.

A análise da Revista Tatame na sua versão digital apresentou a predominância do repertório classificado como “autocuidado”. No entanto, para além da suposição que os lutadores estavam preocupados com suas vidas, saúde, carreira de um modo amplo, o que apareceu de modo predominante foi a equação relacionada ao “autocuidado” vinculada à vitória. Este tipo de cuidado pareceu também legitimar o uso de substâncias ilegais e outros procedimentos duvidosos para aumentar as chances de vitória em um determinado combate.

Outra articulação possível situa o atleta como um herói ou ídolo e, portanto, digno de múltiplos investimentos e preocupações. O fato de o atleta perder uma luta em função do risco envolvido com as lesões pode causar inúmeros prejuízos. Chamou a atenção que em nenhuma matéria o “autocuidado” esteve relacionado com o risco de uma lesão grave ou de morte. Igualmente, causou estranhamento o fato de que, na única reportagem que faz menção ao “autocuidado” vinculado a uma lutadora, este

é tratado como “cuidado com a aparência física”, destituindo, naquele momento, a atleta do lugar de profissional de combate e essencializando o papel da mulher como alguém que deve manter a beleza.

Com o “cuidado com o outro” a equação não é diferente. O que poderia sugerir a preocupação com alguém, que antes de ser atleta é uma pessoa, revela-se como “cuidar de alguém para obter uma vitória”. Outros sentidos atribuídos ao “cuidar do outro” concernem à redução dos impactos do combate ou treinamento que foram associados por profissionais de saúde (fisioterapeuta e nutricionista).

A baixa taxa do cuidado como “ameaça” de uma pessoa para outra (N=7, sendo que nenhum caso em 2013) abriu espaço para se pensar quem é a atual coletividade de profissionais envolvidos com o MMA. Serão tão maldosos e briguentos quanto o difundido em algumas mídias? É bem verdade que a história do MMA está impregnada com duelos sangrentos que aconteciam em ambientes fechados, abertos, com TV, sem TV, com e sem regras, muitas vezes em nome da “honra” do lutador ou da arte marcial da qual se defendia. Assim, há de se problematizar se esta baixa taxa esteja apontando para mudanças culturais no esporte.

A preocupação com o outro, que poderia se vincular a certo senso de comunidade, pode também estar a serviço de uma autopreservação. De modo que, o cuidado com os outros, também seja o cuidado de si, enquanto pessoa pertencente a esta coletividade.

Por fim, no que se refere à tradição discursiva sobre o cuidado é importante situar que não há sentidos fixos e imutáveis, sobretudo quando se trata de um campo no qual estudos ainda estão em desenvolvimento, como o MMA. Não é tarefa trivial pensar o cuidado a partir de um lugar onde predomina o “descuido”.

Temos aqui um campo heterogêneo que carece de maiores problematizações, contribuições e olhares da psicologia social.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2000). *Dicionário de Filosofia* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Awi, F. (2012). *Filho teu não foge à luta*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Barone, M. (2013, 05 de julho). Psicólogo que já trabalhou com Anderson decifra mente do campeão. *Tatame*. Recuperado em 04 de dezembro de 2014 de <http://www.tatame.com.br/tatame/psicologo-decifra-a-mente-inabalavel-do-campeao-anderson-silva-2>
- Bernick, C., Banks, S., Phillips, M., Lowe, M., Shin, W., Obuchowski, N.,... Modic, M. (2013). Practice of Epidemiology Professional Fighters Brain Health Study: Rationale and Methods. *American Journal of Epidemiology*, 178(2), 280–286.
- Bledsoe, G. H., Hsu, E. B., Grabowski, J. G., & Brill, J. D. (2006). Incidence of Injury in professional Mixed Martial Arts competitions. *Journal of Sports Science and Medicine*, 136–142.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. (2014). *Pesquisa brasileira de mídia 2014*. Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira (p. 151). Brasília.
- Deloitte. (2011). *Muito além do futebol. Estudo sobre esportes no Brasil*. São Paulo.
- Habermas, J. (2003). *Consciência moral e agir comunicativo* (2a ed.). São Paulo: Tempo Brasileiro.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.
- IBOPE. (2014, 15 de abril). *Internet é a primeira fonte de informações para 47% dos brasileiros, aponta estudo*. Recuperado em 04 de dezembro de 2014 de <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Internet-e-a-primeira-fonte-de-informacoes-para-47-dos-brasileiros-aponta-estudo.aspx>
- ISTOÉ. (2012, 04 de abril). O golpe de mestre da UFC. *Istoé Dinheiro*. Recuperado em 10 de dezembro de 2014 de <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20120405/golpe-mestre-ufc/85211.shtml>

- Kochhar, T., Back, D. L., & Mann, B. S. J. (2005). Risk of cervical injuries in mixed martial arts. *American Journal of Epidemiology*, 178(2), 444–448.
- Potter, J., & Reicher, S. (1987). Discourses of community and conflict: the organization of social categories in accounts of a riot. *British Journal of Social Psychology*, 26(1), 25-40.
- Spink, M. J. P. (2012). Aventura, liberdade, desafios, emoção: os tons do apelo ao consumo do risco-aventura. *Revista de Ciências Sociais*, 37, 45–65.
- Spink, M. J. P., & Medrado, B. (1999). Produção de sentido no cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. Em M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 41-61). São Paulo: Cortez.
- Sayão, D. T. (2002). Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esportes e lazer? *Motrivivência*, 19, 87–95.
- Tatame. (2012a, 12 de junho). Rival de Wanderlei pensa em usar testosterona. Recuperado em 14 de outubro de 2014 de <http://www.tatame.com.br/tatame/rival-de-wanderlei-pensa-em-usar-testosterona>
- Tatame. (2012b, 19 de junho). Seagal vai ensinar “golpe surpresa” a Spider. Recuperado em 14 de outubro de 2014 de <http://www.tatame.com.br/tatame/seagal-vai-ensinar-golpe-surpresa-a-spider>
- Verardi, C. E. L., Miyazaki, M. C. de O. S., Nagamine, K. K., Lobo, A. P. da S., & Domingos, N. A. M. (2012). Esporte, stress e burnout. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 29(3), 305–314.